

ESCOLAS PSICANALÍTICAS

TERESA, Flavia.

Fevereiro de 2015

Nota: livro editado e produzido exclusivamente para fins de pesquisa e uso interno do CETAPES.

CETAPES – Centro Teológico e Psicanalítico do Espírito Santo

Rua Mahatma Gandhi, 268, Santa Inês, Vila Velha, ES.

Contatos: (27) 3340-6094 – Site: cetapes.org

Curso de Psicanálise Clínica - 2015

Capa, Revisão e diagramação: Roney Ricardo

roneycozzer@hotmail.com



CETAPES - Centro Teológico e Psicanalítico do ES



Escolas Psicanalíticas

Flavia Teresa Gonçalves Borges

As sete escolas Psicanalíticas Ou Sociedade Psicanalítica de Viena.

Composição:

1. Freudiana; (S. Freud);
2. Teóricos das Relações Objetais; (M. Klein);
3. Psicologia do Ego (Hartman – M. Mahler);
4. Psicologia do Self (Kohut)
5. A família e o Desenvolvimento individual: Winnicott
6. Francesa de Psicanálise (Lacan),
7. Dinâmica dos Grupos :Bion.

O desenvolvimento destas diferentes escolas está intimamente relacionado com os psicanalistas que, de uma forma ou de outra, aceitaram os postulados meta psicológicos, teóricos e técnicos elaborados por Freud e



legados a seus imediatos seguidores. Formando a Sociedade Psicanalítica de Viena.

1. Freudiana(S. Freud);

Sigmund Schlomo Freud, mais conhecido como Sigmund Freud, foi um médico neurologista e criador da Psicanálise. Freud nasceu em uma família judaica, em Freiberg in Mähren, na época pertencente ao Império Austríaco.Austríaco , Nascido em 6 de maio de 1856, faleceu em 23 de setembro de 1939, Londres, Reino Unido. Médico neurologista e fundador da Psicanálise.pela Universidade de Viena (1881).

No seu retorno à França, para Nancy, buscou aprofundar as técnicas hipnóticas, assistindo às demonstrações de Bernheim. É, através das experiências realizadas com estes dois cientistas, que Freud começa a perceber a existência de processos psíquicos bastante fortes, mas ocultos, da consciência humana – e que viriam, logo depois, a servir de fundamentação para a sua teoria do inconsciente.



Freud passou a empregar a técnica da hipnose na sua clínica privada e se deu conta de que não era um bom hipnotizador, substituindo esse recurso por técnicas que promovessem uma “livre associação de idéias”. A partir desta observação, nasceu a psicanálise. Foi trabalhando com pacientes despertas, utilizando o divã, ao mesmo tempo em que aplicava estímulos tácteis, pressionando a fronte delas com seus dedos, que as mesmas eram obrigadas a associarem “livremente” na tentativa de recordarem o trauma, que realmente tivesse acontecido, mas estaria esquecido devido à repressão.

Pouco tempo depois acabou descobrindo, através de um comentário adverso de uma de suas pacientes (Elizabeth Von R.), que a associação livre funcionava melhor sem a opressão frontal.

A associação livre consistia em expressar livremente as idéias que lhe surgissem espontaneamente na mente e verbalizá-las ao analista, sem julgá-las em ser importantes ou não. Essa regra foi aplicada, em princípio, com ele mesmo (Freud) em sua auto-análise desde 1894 quando da análise dos seus sonhos.



A associação livre facilitou muito a constatação das manifestações de repressões e resistências em seus pacientes. Esta descoberta contribuiu para que Freud fosse considerado o “Pai da Psicanálise”.

Freud concluiu que as barreiras contra o recordar e associar eram providas de forças mais profundas inconscientes, e que funcionavam como verdadeiras resistências involuntárias. Isto se constituiu como uma marcante ruptura epistemológica, levando Freud a cogitar que essas resistências correspondiam a repressões daquilo que estava “proibido de aflorar à consciência”, ou seja, de ser lembrado.

Ao chegar 1906, Freud já havia lançado os alicerces do edifício psicanalítico, tais como:

- A descoberta do inconsciente dinâmico como principal motivador da conduta consciente das pessoas,
- O fenômeno da “livre associação de idéias”,
- A importância dos sonhos como forma de acesso ao inconsciente,



- A sexualidade da criança, estruturada em torno da cena primária e do complexo de Édipo,
- O fenômeno das resistências e, por conseguinte, das repressões,
- A transferência,
- A presença constante de dualidades no psiquismo tais como: os dois tipos de pulsões, de vida e morte, o conflito psíquico resultante de forças contrárias, do consciente versus inconsciente, o princípio do prazer e o da realidade, entre outras.

A conclusão de Freud foi de que o conflito psíquico é resultante do embate entre as forças instintivas e as repressoras, sendo que os sintomas se constituíram.

2. Melanie Klein: Escola dos Teóricos das Relações Objetais.

Este período se caracteriza pela abertura de correntes de pensamento psicanalítico diversas daquela preconizada por Freud. Essas correntes, embora estruturadas a partir de



fundamentos originados na proposta freudiana, incorporam novas visões e interpretações que ampliam de forma significativa o saber psicanalítico. A Escola dos Teóricos das Relações Objetais, com Melanie Klein como um dos seus maiores representantes, se transforma no berço de uma nova visão da práxis psicanalítica, ao desenvolver formas diferentes de interpretação dos conceitos enunciados por Freud, abrindo espaço para a formulação de novas propostas de trabalho. A escola kleiniana valoriza fortemente, a existência de um ego primitivo já desde o nascimento, a fim de que este mobilizasse defesas arcaicas – dissociações, projeções, negação onipotente, idealização, etc. – para contra-restar às terríveis ansiedades primitivas advindas da inata pulsão de morte, isto é, da inveja primária, com as respectivas fantasias inconscientes. M. Klein conservou o complexo de Édipo como o eixo central da psicanálise, porém o fez recuar para os primórdios da vida, assim descaracterizando o enfoque triangular edípico, medular da obra freudiana.

A observação dos adultos e o emprego da técnica psicanalítica a induziram a investigar os estágios iniciais do desenvolvimento infantil. O trabalho dela, tomando como



base a teoria psicanalítica de Freud, foi criar a técnica de brincar com as crianças e, através do brinquedo, compreendê-las. Freud desenvolveu sua teoria psicanalítica a partir da observação de adultos, enquanto Melanie Klein elabora seu pensamento através da observação de crianças. Conforme sua observação postula que tanto o complexo de Édipo quanto o Superego estão estabelecidos em uma fase muito mais remota da vida do indivíduo do que se presumia até então.

Melanie Klein foi pioneira das seguintes concepções originais:

- Criou uma técnica própria de psicanálise com crianças e introduziu o entendimento simbólico contido nos brinquedos e jogos.
- Postulou a existência de um inato ego rudimentar, já no recém-nascido.
- A pulsão de morte também é inata e presente desde o início da vida sob a forma de ataques invejosos e sádico-destrutivos contra o seio alimentador da mãe.
- Essas pulsões de morte, agindo dentro da mente, promovem uma terrível angústia de aniquilamento.



- Para contra-restar tais angústias terríveis, o incipiente ego do bebe lança mão de mecanismos de defesa primitivos, como são a negação onipotente, dissociação, identificação projetiva, identificação introjetiva; idealização e denegrimiento.(depreciação).
- Concebeu a mente como um universo de objetos internos relacionados entre si através de fantasias inconscientes, constituindo a realidade psíquica.
- Além dos objetos totais, ela estabeleceu os objetos parciais (figuras parentais representadas unicamente por um mamilo, seio, pênis, etc.)
- Postulou uma constante clivagem ente os objetos (bons x maus; idealizados x persecutórios) e entre as pulsões (as construtivas, de vida, versus as destrutivas, de morte).
- Concebeu a noção de posição – conceitualmente diferente de fase evolutiva – e descreveu as agora clássicas posições esquizo-paranóide e a depressiva.
- Suas concepções acerca dos mecanismos arcaicos do desenvolvimento emocional primitivo permitiram



a análise com crianças, com psicóticos e com pacientes regressivos em geral.

- Para não ficar descompassada com os princípios ditados por Freud, conservou as concepções relativas ao complexo de Édipo e ao superego, porém as realocou em etapas bastantes mais primitivas do desenvolvimento da criança.

Juntamente com os ataques sádico-destrutivos da criança, com as respectivas Melanie Klein considerou, como ponto de partida para o estudo do processo de desenvolvimento da criança os primeiros três ou quatro meses de vida, enquanto Freud, considerava esse ponto a partir dos 4 anos. No primeiro trimestre, o bebê experimenta a ansiedade como resultante do efeito proveniente de fontes internas e externas; a atividade interna do instinto de morte dá origem ao medo de ser aniquilado e esse aniquilamento é a causa primária da ansiedade persecutória. Nessa fase a criança sofre o desconforto e dor pela perda intra-uterina, que é sentida pelo bebê como uma agressão perpetrada por forças hostis, isto é, como perseguição, ficando exposto a dolorosas privações, causando-lhe ansiedade.



Para Klein a relação objetal é iniciada com a presença da mãe e a amamentação do bebê, sendo esse um dos pilares de sua teoria. Melanie Klein faz duas considerações importantes que passa a denominar de posição esquizo-paranóide e posição depressiva da criança.

A posição esquizo-paranóide, vivenciada pela criança por volta dos três a quatro meses de idade, traz uma luz sobre a teoria kleiniana e produz grande vantagem, concernente ao fato de se dar início numa fase bem primitiva e a partir daí poder descrever o crescimento psicológico do indivíduo.

Na consideração de Klein, num certo sentido, tanto a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva constituem fases de desenvolvimento, podendo considerá-las subdivisões do estágio oral.

3. Hartman – M. Mahler: Psicologia do Ego.

Para caracterizar a denominada Escola da Psicologia do Ego, deve-se considerar o importante trabalho desenvolvido por a psicanalista de nacionalidade austríaca, Margaret Schönberger Mahler, que nasceu em Sopron, na Hungria,



em 10 de maio de 1897, e faleceu em Nova York, EUA, em 2 de outubro de 1985. Formou-se em medicina em 1922 e, na Áustria, mudou seu foco de interesse da pediatria para a psiquiatria. Em 1926 iniciou, com Helene Deutsch, sua análise de formação ou didática. Sete anos depois ela era aceita como analista. Com Anna Freud, ela criou o primeiro centro de tratamento para crianças em Viena.

Em 1948 realizou estudos clínicos sobre a denominada psicose normal e patológica em crianças. Ela distinguia no bebê a psicose autística e a psicose simbiótica (normal ou patológica). Em 1950, Mahler e Manuel Furer fundaram o Master's Children Centre em Manhattan. Ali desenvolveu um modelo de tratamento tripartite, no qual a participava do tratamento da criança. Mahler enfatizou a importância e o papel do meio ambiente para o desenvolvimento da criança. Estava particularmente interessada na dualidade mãe-bebê e documentou cuidadosamente o impacto das primeiras separações da criança com relação à sua mãe.

Sua tese principal parte de algumas das hipóteses de Freud, Bleuler e Kameny. A documentação de sua pesquisa sobre separação-individuação foi a contribuição mais



estudos sobre as patologias narcísicas apresentadas em trabalhos e também na publicação de seus livros provocaram críticas negativas e contundentes. Colegas e estudantes passaram a se reunir com ele regularmente e formaram o Grupo de estudos da psicologia do self.

A Psicologia do Ego, deu uma ênfase nos processos defensivos do ego, em particular daqueles que se referem a neutralização das energias pulsionais, sexuais e agressivas, valorizando assim o enfoque dinâmico da psicanálise

Até Hartmann, as noções de Ego e Self estavam muito confusas entre si: devemos a esse autor uma mais clara diferença conceitual entre Ego como instância psíquica encarregado de funções, e Self como um conjunto de representações que determinam o sentimento de si mesmo.

A principal tarefa do ego é a de uma adequada adaptação, promovendo soluções adaptativas entre as demandas pulsionais e as demandas da realidade, muito particular com uma boa utilização da capacidade de síntese e de integração por parte do ego

Segundo conta Arnold Goldemberg na introdução à obra “Como cura a psicanálise” publicação póstuma de autoria



de Kohut, o interesse pelos seus trabalhos se expandiu tanto e tão rapidamente que um grupo maior com cerca de 50 membros suplantou o originalmente criado.

4. Kohut: Teoria do Self

Em suas observações, Kohut formulou, a partir do exercício clínico, o conceito estrutural do **self-objeto**: o indivíduo que numa espécie de vivência aglutinada desempenha as funções ainda impossíveis ao bebê, que não possui um self estruturado, mas apenas um núcleo de self a ser desenvolvido a partir dessa vinculação com o outro self. Kohut afirma que os self-objeto que cumprem funções psicológicas para o bebê são reconhecidos e experimentados pelas funções que exercem junto a ele e não por sua existência e característica individual, ou seja, para o bebê, o adulto que cuida é parte de si mesmo.

O self-objeto, em sua especificidade vincular, apresenta modalidades como, por exemplo, o self-objeto idealizado, cujo mecanismo é de “fusão com um objeto onipotente que garanta a segurança e amparo”. Também o self-objeto



especular que garante ao bebê “o espelhamento necessário para sua condição de valor e autonomia”. Ainda o self-objeto gemelar, que atende à necessidade de semelhança essencial, permite surgir o “sentimento de pertencer a um contexto humano”.

Caso o self-objeto falhe, para além ou aquém da capacidade maturacional, ao invés da necessária desidealização do self-objeto falho ocorrerá, então, a internalização idealizada do mesmo. Assim surgem as patologias narcísicas do self. O self (teoria do si) completo e não defeituoso tem em seu aspecto dinâmico o que Kohut denominou arco ininterrupto de tensão. É no restabelecimento deste arco ininterrupto de tensão, desde seus ideais básicos e habilidades até o desenvolvimento da capacidade de realizar de criar, de produzir, que o self narcísico defeituoso tentará, mais uma vez, agora no ambiente analítico com seus fatos transferências, retomar e desenvolver-se com seu próprio núcleo do self.

Kohut ressalta que a cura do self ocorre a partir das vivências emocionais do paciente na reativação e análise das transferências. Noutras palavras: a situação de análise



é o ambiente no qual os conflitos não solucionados na infância são reativados na transferência, tornados conscientes e elaborados através do processo analítico.

Mais tarde influenciado pela metapsicologia freudiana, escreveu sobre uma nova perceptiva sobre o conceito de Narcisismo em “Formas e Transformações do Narcisismo”. Calcado na definição de narcisismo de H. Hartmann, “investimento libidinal do self (do prazer)”, criticou a visão negativa dada ao conceito, considerando-a moralista e postulou que o narcisismo teria uma linha própria de desenvolvimento e se diferenciaria em duas formas, self narcísico (em 1968, ele substitui esse termo por “self grandioso”) e imago parental idealizada. Essa postulação visava atender sua inquietação de que a teoria clássica não atenderia a clínica dos pacientes com transtornos narcísicos.

O narcisismo passa a ser conceituado como uma estrutura da mente, com espaço nas relações humanas, tendo características evolutivas e se transformando através do tempo e das relações significativas.



5. Donald Woods Winnicott: A família e o desenvolvimento individual.

Pediatra e psicanalista, nasceu numa próspera família de Plymouth, na Grã-Bretanha, em 7 de abril de 1896, e morreu em Londres, em 25 de janeiro de 1971. Ingressou na Universidade de Cambridge onde estudou biologia e depois medicina. Entretanto, irrompeu a guerra de 1914-18, o que o levou a servir como estagiário de cirurgia e oficial médico em um destróier. Em 1923, foi indicado para o The Queen's Hospital for Children e também para o Paddington Green Hospital for Children, onde permaneceu pelos 40 anos seguintes, trabalhando como pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista.

Foi um colaborador de jornais médicos, psiquiátricos e psicanalíticos, e também escreveu para revistas destinadas ao público em geral, nas quais discutia problemas das crianças e das famílias. Dedicou-se à construção da teoria do amadurecimento pessoal (um caminho a ser percorrido partindo da dependência absoluta e dependência relativa rumo à independência relativa), que, além de constituir uma



teoria da saúde, com descrição das tarefas impostas, desde o início da vida, pelo próprio amadurecimento, configura também o horizonte teórico necessário para a compreensão da natureza e etiologia dos distúrbios psíquicos.

A distinção de seu trabalho, metodologicamente, em relação a Freud e outros, foi a decisão de estudar o bebê e sua mãe como uma “unidade psíquica”, o que lhe permitia observar a sucessão de mães e bebês e obter conhecimento referente à constelação mãe-bebê e não como dois seres puramente distintos. Assim, não há como descrever um bebê sem falar de sua mãe, pois, no início, o ambiente é a mãe e apenas gradualmente vai se transformando em algo externo e separado do bebê.

O ambiente facilitador é a mãe suficientemente boa, porque atende ao bebê na medida exata das necessidades deste, e não de suas próprias necessidades. Esta adaptação da mãe torna o bebê capaz de ter uma experiência de onipotência e cria a ilusão necessária a um desenvolvimento saudável.

O conceito de “Preocupação Materna Primária” pode ser comparado a um estado de retraimento da mãe e é



necessário para que ela possa estar envolvida emocionalmente com seu bebê. Uma grande contribuição do autor refere-se ao conceito dos objetos transicionais e fenômenos transicionais que surgem na superação do estágio de dependência absoluta em direção à dependência relativa, sendo que não é importante o objeto que está sendo utilizado, mas sim, o uso que a criança faz desse objeto. Ele se coloca na zona intermediária, na separação entre a mãe e o bebê, ajudando a tolerar a angústia de separação e ausência materna.

Teoria do Inato: Para Winnicott, o potencial inato de crescimento num bebê se expressava em gestos espontâneos. Se a mãe responde apropriadamente a esses gestos, a qualidade da adaptação proporciona um núcleo crescente de experiência para o bebê, o qual resulta num senso de completude, força e confiança, que ele chama de “verdadeiro self”. A sua crescente força permite ao bebê lidar com posteriores frustrações e fracassos relativos por parte da mãe, sem perder sua vivacidade.

Se a mãe é incapaz de responder adequadamente aos gestos do bebê, este desenvolve a capacidade de adaptar-



se e submeter-se às “invasões” da mãe, isto é, às iniciativas e exigências dela, e sua espontaneidade é gradualmente perdida. Winnicott chamou este desenvolvimento defensivo de “falso self”. Quanto maior o “desajuste” entre mãe e o bebê, maior a distorção e interrupção no desenvolvimento da personalidade deste.

Para Winnicott, a psicopatia ou tendência anti-social caracteriza-se como um transtorno no qual a falha ambiental tem um importante papel. O jogo da espátula teve sua origem na clínica diagnóstica de mães e bebês e o jogo dos rabiscos surgiu de sua prática psiquiátrica com crianças.

A teoria de Winnicott baseia-se no fato de que a psique não é uma estrutura pré-existente e sim algo que vai se constituindo a partir da elaboração imaginativa do corpo e de suas funções – o que constitui o binômio psique-soma. Essa elaboração se faz a partir da possibilidade materna de exercer funções primordiais como o holding (permite a integração no tempo e no espaço), handling (permite o alojamento da psique no corpo) e a apresentação\ de objetos (permite o contato com a realidade).



6. Escola Francesa de Psicanálise – Jacques Lacan.

Lacan estudou no Colégio Stanislas, dirigido por jesuítas. Sempre foi um aluno brilhante. Em 1919 matricula-se na faculdade de medicina e no ano seguinte começa o curso, sendo que a partir de 1926 especializa-se em psiquiatria. Paralelamente estudava literatura e filosofia e se aproxima do movimento surrealista. Faz amizade com René e Salvador Dali, encontra Breton, lê os trabalhos de Pichòn, em quem admira um novo mestre da língua.

Dois dos grandes mestres do jovem Lacan foram: Henri Wallon (e sua teoria do estágio do espelho) e Alexandre Kojève (nos seus comentários sobre Hegel). Revoltado com o crescimento evidenciado nos Estados Unidos da escola da “Psicologia do Ego”, que Lacan acreditava estar deturpando o real sentido da psicanálise, resolveu dirigir seus estudos para uma releitura de Freud.

*Lacan é um autor polêmico – discutido e admirado, para alguns teóricos é considerado o maior psicanalista depois de Freud, ou até mesmo do seu porte; para os seus críticos,



a teoria lacaniana é um retrocesso da psicanálise, um desvirtuador da teoria freudiana.

Em 1936, obtém o título de Médico dos Hospitais Psiquiátricos; Nesse mesmo ano inicia relações com Sylvia Bataille. Em 1941 separa-se de sua primeira esposa e tem uma filha Judith Sofhie, filha de Lacan com Sylvia.

Realiza o seminário “Os Escritos Técnicos de Freud” (sendo este o primeiro Seminário de Lacan que foi registrado por estenotipista, possibilitando posterior publicação).

A técnica lacaniana é alvo de uma contestação permanente. Em 1951, a comissão de ensino exige que Lacan regule sua situação.

Em 1966 reúne seus escritos em um único volume os Escritos. Em 1967 propõe a criação do “passe” (analindo-analista: Com isso, Lacan sustenta que se pode tirar aprendizagem do que se encontra nesse ponto de passagem. Deve-se notar que se trata de um ponto de passagem que se tornou ponto de impasse na história do movimento psicanalítico), que seria um dispositivo regulador da formação do analista.



O inconsciente estrutura-se como uma linguagem. Com esta tese fundamental, Jacques Lacan defende a dependência do sujeito ante a ordem significante. Assim sendo, esse autor entende que é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial (DOR, 1989). Sem a relação estabelecida com a alteridade, como poderia o sujeito se constituir? Durante todo o seu ensino, Lacan diferencia o Outro com “o” maiúsculo e o outro com “o” minúsculo. Dor (1989, p.154) considera imprescindível elucidar o caráter fundamental da referência ao Outro, que se encontra no princípio mesmo do processo de comunicação, sendo o código isótopo ao lugar do Outro, “de onde resulta que o inconsciente é o discurso do Outro”. O Outro é o lugar do significante, é o registro do simbólico, que Lacan denomina de Outro na medida mesma em que o campo dos significantes é faltoso, é incompleto e nele há sempre a possibilidade de introduzir, por meio de um ato criativo, um novo significante (JORGE, 2002, p. 92, grifos do autor).

Lacan também estabelece uma diferença precisa entre sentido e significação, sendo esta última um efeito, isto é, algo que passa a existir em um encontro de elementos. O



sentido é o efeito que surge na relação do eu com a imagem e que se articula no encontro de dois sistemas: o imaginário e o simbólico. Já a significação é um efeito do simbólico. Sinônimo de sujeito do inconsciente, ela é o efeito produzido pelo vínculo entre dois significantes (NASIO, 1995).

A partir de 1938, em função dos ensinamentos de Kojève, Lacan trabalha a distinção entre o “Je”, sujeito do desejo, e o “Moi”, lugar da ilusão e fonte do erro (SANTUÁRIO, 2004). O sujeito da enunciação é sempre um não-dito que só pode se fazer presente ausentando-se do enunciado (SAFATLE, 2000).

É importante sublinhar que Lacan desenvolve a lógica do significante para edificar uma teoria sobre a relação entre inconsciente e linguagem, sendo o significante a unidade mínima do simbólico. O significante lacaniano tem como característica essencial o fato de jamais comparecer sozinho, isolado, mas articulado com outros significantes. Assim sendo, é a articulação entre os significantes que engendra o processo de significação (JORGE & FERREIRA, 2005).



7. Wilfred Ruprecht Bion: Dinâmica dos grupos

Wilfred Ruprecht Bion nasceu em 8 de setembro de 1897 em Muttra, no Punjab, província anexada à Colônia Inglesa em 1849. Seu pai era engenheiro do serviço público britânico à época do seu nascimento, servindo, portanto, na Índia. Sua mãe foi uma pessoa simples de temperamento instável, mostrava-se freqüentemente triste e o garoto sofria muito com estas características da mãe. Bion viveu na Índia até os sete anos sob os cuidados de uma ama indiana (Ayah), senhora que exerceu sobre ele marcante influência. Os altos funcionários ingleses tinham por praxe mandar seus filhos para estudarem na Inglaterra. Por volta dos oito anos Wilfred foi enviado para Londres e lá morou sem a família, interno em um colégio onde recebia escassas visitas dos pais. No período entre o final da infância e a adolescência, Bion encontrou dificuldades em se adaptar, pois sentia aguda solidão e declarou, quando adulto, que amargas impressões ficaram-lhe impressas em função do rígido e repressor sistema escolar da tradicional escola pública que freqüentou neste período.



A atividade desportiva auxiliou Wilfred a desenvolver maior integração com os colegas, tornando-se capitão de equipes desportivas de rúgbi, natação e waterpolo. Ao término da Guerra foi para a Universidade de Oxford, onde estudou História Moderna, Filosofia - demonstrando interesse especial por Kant - e Teologia, licenciando-se em Letras, o que o levou a se dedicar ao magistério. Também apresentava talento inegável para pintura impressionista. Ao ler Freud ficou fascinado e resolveu fazer medicina e se tornar psicanalista. Após sua formatura, como médico, aos 33 anos, conseguiu algumas condecorações como cirurgião. Em seguida, envolveu-se com a prática psiquiátrica e se empregou na Tavistock Clinic. Analisou-se por dois anos com J. Rickmann, quando a II Guerra provocou a interrupção do processo analítico.

Bion continuava a trabalhar na Tavistock quando voltou ao exército, em 1940, em plena 2ª Guerra Mundial; neste período se dedicou à reabilitação dos pilotos do exército. Com o final da Guerra, voltou a trabalhar na Tavistock com grupos. Essas experiências foram relevantes para suas concepções sobre trabalho com grupos. Bion conhece Betty Jardine, famosa atriz de teatro e com ela se casa. Mas em



1945, então com 48 anos, seu casamento termina com a morte prematura de Betty durante o parto de sua filha Partenope. Este fato o deixa profundamente consternado, levando-o reiniciar sua análise, desta vez com Melanie Klein, processo que durou oito anos. Durante este período retornou para sua formação no Instituto de Psicanálise de Londres. Casou-se pela segunda vez com Francesca, que era pesquisadora e sua assistente na Tavistock. Tiveram um casal de filhos, Julian e Nicola. Francesca vive até hoje em Oxford, onde zela pela obra do marido.

Bion fez diversas viagens pelo mundo, chegando a proferir algumas conferências no Brasil e Argentina; muitas delas em São Paulo. O clima em Londres começou a despertar muita rivalidade entre ele e os kleinianos e isto o fez aceitar um convite para residir na Califórnia, onde permaneceu por 11 anos. Em agosto de 1979 decide voltar para a Inglaterra; parece que desejava se reaproximar dos filhos e se preparava para voltar a clinicar quando foi acometido cronicamente por leucemia mieloide aguda. Ao tomar ciência do diagnóstico teria dito: “A vida sempre nos reserva surpresas, geralmente desagradáveis”. W. R. Bion morreu em questão de dias, com 82 anos, em 08 de novembro de



1979 na cidade de Oxford, na Inglaterra. Bion escreveu uma autobiografia que se transformou em um livro póstumo, em 1982. Este relato se intitula, *The long weekend*. Segundo Bléandonu, um de seus biógrafos, Bion aumentou nosso prazer em aprender. Reexaminou as coisas a partir de seus começos, e descobriu um novo caminho para a psicanálise. Surge como verdadeiro inovador de uma prática moderna. (Bléandonu, 1990)

Bion apresenta uma produção inovadora que revela seus sólidos conhecimentos científicos em diversas áreas. Propõe, também, uma expansão sensível para o momento do encontro psicanalítico, revelando a vivacidade envolvida nos fatos, com o objetivo de apreender a realidade o quanto possível. Essa produção abrange um período de 40 anos, distribuídos em aproximadamente 50 títulos. Alguns de seus estudiosos apresentam seu pensamento através de três modelos: científico-filosófico, influenciados principalmente pelo empirismo inglês e por Kant; estético-artístico, por Shakespeare; místico-religioso, por Mestre , São João da Cruz e Bhagavad-Gita.



Tal percepção torna o processo psicanalítico muito mais real e produtivo, transformando o chamado setting analítico, inicialmente considerado um espaço abstrato, livre de influências exógenas, no campo de expansão da emoção e do imaginário, que se estabelece na interação paciente-analista, caracterizada por um processo transferencial-contratransferencial intenso, rico na sua essência, que pode ser interpretado simbolicamente como sendo um processo onde “pessoas cuidam de pessoas”. Nem por isso, o psicanalista se divorcia das suas bases teóricas, dos conceitos estruturantes do seu saber, mas lhes proporciona uma resignificação adequada às demandas da vida moderna. A práxis psicanalítica contemporânea incorpora processos relacionais diferentes, sempre relegados a um segundo plano pela ortodoxia acadêmica, tais como herança de caráter por ressonância, comunicação entre paciente e terapeuta pela ligação dos inconscientes, entre outros.

A psicanálise contemporânea, leva em consideração sintomas relacionados com a interpretação da influência dos fatores hereditários, tais como aqueles relacionados com processos de transtornos mentais mais leves,



especialmente as neuroses, considerados atualmente como realmente passíveis de transmissão através da descendência familiar, não necessariamente pela herança genética, mas por diversos fatores capazes de facilitar a continuidade de sintomas na convivência do grupo.

A possibilidade de que a presença de um membro com um transtorno neurótico estruturado na família pode provocar, no paciente, a reprodução de sintomas similares naqueles que com ele convivem, tornando-se por isso mesmo neurótico também (os chamados neuróticos de adaptação segundo a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde).

Isso estende o campo dos sofrimentos individuais, que se faz extensivo a todo o grupo familiar, causando desestruturas capazes de culminarem em separações ou tragédias maiores. Alguns dos relatos de violência que campeiam nos noticiários da mídia tiveram origem em pequenos transtornos mentais negligenciados pelos familiares e que poderiam ter sido evitados se as medidas terapêuticas cabíveis fossem tomadas.



A psicanálise contemporânea considera da maior importância a influência da cultura do grupo familiar, que pode levar à cristalização mental de preconceitos ligados à culpa, ao medo, à disciplina autoritária, à violência física e sexual, a fatores relacionados com pobreza e carência de infra-estrutura social, educação e dependência química, que se instalam nos descendentes como se fossem comportamentos naturais, e até que o são no ambiente doentio em que vivem, mas incapacitantes para uma vida feliz.



BIBLIOGRAFIA

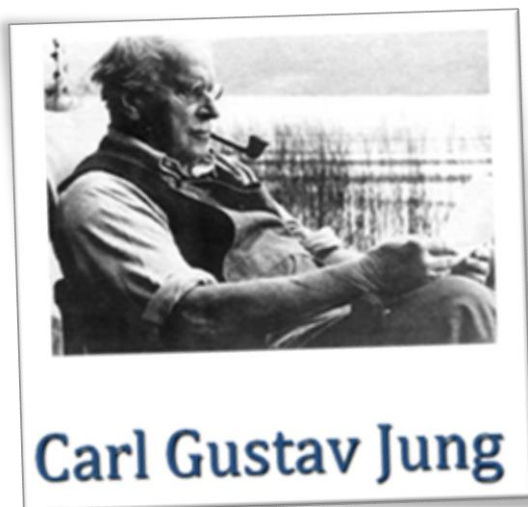
- Murta, Alberto: O passe, o rateio e um psicanalista”.
- Alain Miller, Jacques; O Percurso de Lacan, org. Zahar Editor, Rio de janeiro, 1987.
- Biografia de Freud, a psicanálise, psicologia da vida cotidiana, id e ego, revolução na psicologia, psicanálise freudiana, teorias e ideias principais, vida e teoria de Freud, obras principais,
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos* (2a ed., W. I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP.
- Outras fontes: Internet.





Uma Biografia

Texto de Rogério Vieira



Nasceu em 1875 na suíça e faleceu em 1961, aos 85 anos de idade, então reconhecido como um dos maiores pensadores do século XX.

Jung era uma criança sentimental e introspectiva. Seu pai e vários outros parentes eram pastores luteranos, e sua mãe, habituada ao espiritismo. Talvez, seja essa a razão pela qual o jovem Jung se interessava por filosofia e questões



espirituais e o pelo papel da religião no processo de maturação psíquica das pessoas, povos e civilizações.

Logo após ter ingressado na faculdade de Medicina, aos 20 anos, Jung perdeu seu pai e acabou contando com o auxílio de um tio materno para poder completar seu curso.

No início de seus estudos médicos, Jung passou a interessar-se pelas relações entre a Teologia e a Psicologia. Ele passou a se interessar mais intensamente pelos fenômenos psíquicos e investigou várias mensagens hipoteticamente recebidas por uma médium local (na verdade, uma prima sua), o que acabou sendo o material de sua tese de graduação, "Psicologia e Patologia dos Assim Chamados Fênomenos Psíquicos".

Em 1900, o então jovem médico decide-se pela psiquiatria e inicia sua carreira na Clínica Psiquiátrica Burgölzli (Suiça), um dos mais progressivos centros psiquiátricos da Europa. Zurique tornou-se sua morada permanente. Em 1902, Jung estudou com Pierre Janet, o notável psiquiatra francês (mais famoso do que Freud, na época). Jung se tornou assistente do Doutor Bleuler. Retornou para Burghölzli em 1898 para ser diretor e empregou Jung como interno.



Bleuler é conhecido por nomear a esquizofrenia, doença que era anteriormente conhecida como dementia praecox. Bleuler entendeu que a condição não era uma demência ou exclusiva de indivíduos jovens. Assim, ele nomeou a doença com um termo menos estigmatizante, mas ainda controverso das raízes gregas schizo (dividida) e phrene (mente).

Segundo o Critical Dictionary of Psychoanalysis de Charles Rycroft, foi Bleuler quem introduziu o termo "ambivalência" em 1911.

O Oxford English Dictionary refere que Bleuler também criou o termo autismo em uma edição de 1912 do American Journal of Insanity.

Em 1904, Jung montou um laboratório experimental na Clínica Psiquiátrica e desenvolveu o teste de associação de palavras para diagnóstico psiquiátrico.

Jung tornou-se também perito em interpretar os significados psicológicos implícitos nas várias associações produzidas. Em 1905, com trinta anos, tornou-se professor de psiquiatria na Universidade de Zurique e médico efetivo na Clínica Psiquiátrica.



Em suas pesquisas, Jung entra em contato com as obras de Sigmund Freud, lendo primeiramente a obra ‘ A interpretação dos sonhos’ no ano de 1900. Jung se destacou rapidamente na área da psiquiatria e passou a escrever artigos científicos de grande repercussão.

Num desses escritos Jung se declara admirador de Freud por algumas das suas proposições que eram duramente criticadas pela comunidade médica. Mesmo conhecendo as fortes críticas que a então principiante Psicanálise sofria por parte dos meio médicos e acadêmicos na ocasião, ele fez questão de defender as descobertas do mestre vienense, convencido que estava da importância e do avanço dos trabalhos de Freud.

Em 1907 aconteceu o primeiro encontro entre Jung e Freud, que resultou num diálogo que durou treze horas ininterruptas.

“De início, Freud considerou Jung não só seu discípulo mais bem dotado como também o mais importante, seu príncipe coroado, o homem destinado a levar sua obra adiante no futuro. Como Freud costumava a dizer, Jung era Josué para seu Moisés. E desde o começo Freud percebeu de imediato as vantagens práticas desse relacionamento. Não só Jung



mostrara ser um formidável defensor das teorias de Freud, não apenas tinha ele suas próprias pesquisas no Burgholzgli, que sustentavam independentemente as teorias freudianas numa época em que Freud ainda era discriminado de modo geral no âmbito da comunidade acadêmica, como o fato de Jung não ser nem Judeu nem austríaco significava que a psicanálise podia se defender com mais facilidade das acusações do elitismo intelectual e sectário, podendo atrair o interesse simpático de um público bem mais amplo,” Michael Palmer.

A comunhão de idéias e objetivos era tamanha, que eles passaram a se corresponder semanalmente, e Freud chegou a declarar Jung seu mais próximo colaborador e herdeiro lógico, e isso é algo que tem de ser bem frisado, a mútua admiração entre estes dois homens, frequentemente esquecida tanto por freudianos como por junguianos.

Jung e a religião

“Sempre existiram demônios e poderes, e não nos compete criá-los, nem precisamos fazê-lo”. A única tarefa que nos cabe é escolher o ‘senhor’ a quem desejamos seguir, para



que esse serviço nos proteja dos 'outros', que não escolhemos. "Deus não é criado, mas escolhido". p. 92 – Jung – Psicologia e religião

A afirmação de Jung muito se assemelha a uma situação registrada na bíblia que diz:, 'Então Elias se chegou a todo o povo, e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu.' (1 Re 18:21). Jung, que era filho de pastor protestante, não pode deixar de perceber a importância da fé para o homem, e afirmou que o problema da humanidade, é criar uma expectativa particular de Deus ao invés de buscar conhecê-lo na sua essência.

Se o 'senhor' que escolhemos não se identifica com a imagem que dele esboçamos no tempo e no espaço. Ele continua a atuar como antes nas profundezas da alma, com uma grandeza não-reconhecível. A rigor, nem mesmo conhecemos a essência de um simples pensamento, quanto mais os últimos princípios do psíquico em geral... Jung, Psicologia e religião pg 92.

Jung diz que, uma vez que o homem escolhe um Deus e tem uma visão ou preferência pela forma, característica ou



imagem desse deus, ao constatar que algo não é exatamente ou pelo menos semelhante ao que se imagina, esse homem poderá dizer como Nietzsche: ‘Deus está morto’ todavia, mais acertado seria afirmar: “Ele abandonou a imagem que havíamos formado a seu respeito e nós, aonde iremos encontrá-lo de novo?” Jung Psicologia e religião 42 Segunda a bíblia relata em Pv 16:19 ‘Quem guarda o mandamento guarda a sua alma; mas aquele que não faz caso dos seus caminhos morrerá.’, semelhantemente afirmou Jung, que o cristianismo nunca é desprezado por aqueles que amam a si mesmos.

A aventura espiritual do nosso tempo consiste na entrega da consciência humana ao indeterminado e indeterminável, embora nos pareça - e não sem motivos – que o ilimitado também é regida por aquelas leis anímicas que o homem não imaginou, e cujo conhecimento adquiriu pela ‘gnose’ no simbolismo do dogma cristão, e contra aquela só os tolos e imprudentes se rebelam; nunca porém, os amantes da alma.” – Jung – Psicologia e Religião.

Consta no prefácio do livro Psicologia e Religião de C. G. Jung, traduzido pelo Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha que “O maior mérito de Jung é o de haver reconhecido, como



conteúdos arquétipos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião”.

Numa ocasião, ao ser argüido sobre a existência de Deus, Jung respondeu: ‘I do not believe, I know. — Henri Fabre, humanista, naturalista, entomologista, escritor e poeta francês sobre a mesma questão, disse: “Não acredito em deus: eu o vejo. Fabre – entomologista – chegou a essa conclusão através da natureza dos instintos, observando o mundo dos insetos. Jung – no trato com a natureza psíquica do homem, observando e sentindo as manifestações do inconsciente. Prefácio da edição alemã de Psicologia e Religião de Jung

Jung entendia que a descrença em Deus provinha da ignorância daqueles que queriam poder medir Deus, e vê-lo para crê-lo.

‘... o erro materialista foi inevitável. Como não se pôde descobrir o trono de deus entre as galáxias, conclui-se simplesmente que Deus não existe. Pg 90 – Jung – Psicologia e religião

Em 1909 Jung e Freud viajam juntos para proferir uma série de conferências na Clark University, em Massachusetts.



Nessa ocasião, Jung discorreu sobre seu método de associação de palavras e Freud sobre o método Psicanalítico.

Tamanha identidade de pensamentos e amizade não conseguia esconder algumas diferenças fundamentais, e nem os confrontos entre os fortes gênios de um e de outro. Nessa época Freud referia-se a Jung como seu sucessor, fato que despertava certo desconforto em Jung, que já antevia diferenças importantes entre seu pensamento e as formulações de Freud, sobretudo no que dizia respeito a conceitos básicos, religião, sexualidade e interpretação dos sonhos, bem como e principalmente no que se referia à teoria da libido.

Anterior mesmo ao período em que estavam juntos, Jung começou a desenvolver uma sistema teórico que chamou, originalmente, de "Psicologia dos Complexos", mais tarde chamando-a de "Psicologia Analítica", como resultado direto de seu contato prático com seus pacientes. O conceito de inconsciente já estava bem sedimentado na sólida base psiquiátrica de Jung antes de seu contato pessoal com Freud, mas foi com Freud, real formulador do conceito em



termos clínicos, que Jung pôde se basear para aprofundar seus próprios estudos.

O contato entre os dois homens foi extremamente rico para ambos, durante o período de parceria entre eles. Aliás, foi Jung quem cunhou o termo e a noção básica de "complexo", que foi adotado por Freud. Por complexo, Jung entendia os vários "grupos de conteúdos psíquicos que, desvinculando-se da consciência, passam para o inconsciente, onde continuam, numa existência relativamente autônoma, a influir sobre a conduta" (G. Zunini). E, embora possa ser frequentemente negativa, essa influência também pode assumir características positivas, quando se torna o estímulo para novas possibilidades criativas.

Jung jamais conseguiu aceitar a insistência de Freud de que as causas dos conflitos psíquicos sempre envolveriam algum trauma de natureza sexual, e Freud não admitia o interesse de Jung pelos fenômenos espirituais como fontes válidas de estudo em si.

O rompimento entre eles foi inevitável, ainda que Jung o tenha, de certa forma, precipitado. Ele iria acontecer mais cedo ou mais tarde. O rompimento foi doloroso para ambos.



A turbulenta ruptura do trabalho mútuo e da amizade acabou por abrir uma profunda mágoa mútua, nunca inteiramente assimilada pelos dois principais gênios da Psicologia do século XX e que ainda, infelizmente, divide partidários de ambos os teóricos.

O conceito, inconsciente coletivo, que amplificava o conceito de inconsciente tal como postulado por Freud, foi o grande responsável pelo afastamento de Jung da escola de Psicanálise. Sobre seu rompimento com Freud, Jung escreveria, em 1950: "A coisa toda explodiu como um terremoto impossível de ser detido [...] Por dois meses fiquei paralisado, sem poder continuar a escrever, sabia que esta publicação me custaria a amizade de Freud." Cf. Memórias, Sonhos e Reflexões, pág. 167/162, citado em C. G. Jung - Word and Image, pág. 56.

Em 1910 quando a "Associação de Psicanálise Internacional" foi fundada Jung foi eleito seu presidente. Em 1914 Jung renunciou à presidência da API e demitiu-se como membro devido as enormes divergências teóricas e metodológicas entre o seu pensamento e o de Freud.

Após seu rompimento com Freud, Jung atravessou um período de incertezas e desorientações, chegando mesmo



a interromper sua cátedra, já que não considerava correto ensinar jovens alunos quando ele próprio estava tão confuso. Jung investe maciçamente no auto conhecimento e na pesquisa de seu próprio inconsciente, iniciando uma jornada que duraria quase seis anos.

A olhos desavisados, esse período poderia mostrar até mesmo traços de perturbação psíquica. Para o observador atento, contudo, ele representou um enorme passo adiante na compreensão das fantasias e dos conteúdos do inconsciente profundo. "Os anos em que estive possuído por minhas imagens profundas, foram os mais importantes de minha vida - neles tudo de essencial foi decidido." Cf. Memórias, Sonhos e Reflexões. C.G.Jung, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1963, pág. 199)

A pressão interior era intensa. Sonhos de morte e renascimento levam-no ao desespero. Para fazer frente a esse tumulto interior, Jung começou então a brincar com pedras à margem do lago de sua casa em Küsnacht, construindo com elas uma cidadezinha em miniatura, atividade que manteria pelo resto de sua vida. Além do jogo com pedrinhas Jung fazia também da pintura e da escultura



formas através das quais podia aproximar-se e compreender o inconsciente através das imagens.

"Sei tão pouco acerca do que o inconsciente pede que simplesmente o deixo entregue às minhas mãos, de maneira que, depois, eu possa pensar acerca daquilo a que dei forma." Cf. M.S.R., pág. 176

‘... porque pelo fruto se conhece a árvore... Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. O homem bom tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.’ Mt 12.33-35

Foi durante esse período de crise que Jung pintaria sua primeira mandala. No Lamanismo e no Yoga, a mandala é uma representação circular do cosmo em conexão com os poderes divinos, utilizada como instrumento de contemplação.

“Neste trabalho (mandalas pessoais), é muito comum surgirem traumas passados, que são colocados no desenho de forma sutil, só percebidos por quem souber fazer a leitura do que está sendo sinalizado. Esta leitura se faz por meio do traço, da forma, das cores, dos símbolos e de vários outros aspectos que aparecem quando se desenha uma mandala pessoal” (www.mundodasmandalas.com)



Para Jung a mandala era a representação do processo psíquico de individuação, regido pelo self, um princípio ordenador central. que organiza e regula todos os outros

Eu tive que abandonar a idéia de a posição hierarquicamente superior do ego. ... Eu vi que tudo, todos os caminhos que eu tinha vindo a seguir, todos os passos que eu tinha tomado, estava levando de volta para um único ponto - a saber, o ponto médio. Tornou-se cada vez mais claro para mim que a mandala é o centro. É o expoente de todos os caminhos. É o caminho para o centro, a individuação.

... Eu sabia que em encontrar a mandala como uma expressão do eu que eu tinha atingido o que para mim foi o máximo. - CG Jung. Memórias, Sonhos, Reflexões.

www.carl-jung.net/mandala.html

www.netreach.net/~nhojem/jung.htm

No pensamento junguiano, a individuação é a busca do ser total, do desenvolvimento de nossas possibilidades inerentes, ou seja a possibilidade de reencontrar-se com os aspectos que foram negligenciados em nossa personalidade.



Em 1948, foi fundado o instituto Carl Gustav Jung.

Eis o que Freud afirmou do sistema de Jung: "Aquilo de que os suíços tinham tanto orgulho nada mais era do que uma modificação da teoria psicanalítica, obtida rejeitando o fator da sexualidade. Confesso que, desde o início, entendi esse 'progresso' como adequação excessiva às exigências da atualidade".

Para Freud, a teoria de Jung era uma corruptela de sua própria teoria, simplificada diante das exigências moralistas da época. Não há nada mais falso. Sabemos que foi Freud quem, algumas vezes, utilizou-se de alguns conceitos de Jung, embora de forma mascarada. Já por seu turno, Jung nunca quis negar a importância da sexualidade na vida psíquica, "embora Freud sustente obstinadamente que eu a negue". Ele apenas "procuravava estabelecer limites para a desenfreada terminologia sobre o sexo, que vicia todas as discussões sobre o psiquismo humano, e situar então a sexualidade em seu lugar mais adequado. O senso comum voltará sempre ao fato de que a sexualidade humana é apenas uma pulsão ligada aos instintos biofisiológicos e é apenas uma das funções psicofisiológicas, embora, sem dúvida, muitíssimo importante e de grande alcance".



Algumas Teorias e métodos de Jung

Psicologia analítica. também conhecida como Psicologia Junguiana ou Psicologia Complexa, é um ramo de conhecimento e prática da psicologia, iniciado por Jung o qual se distingue da psicanálise iniciada por Freud, por uma noção mais alargada da libido e pela introdução do conceito de inconsciente coletivo.

Carl Jung desenvolveu uma teoria de psicologia complexa e fascinante, que abrange uma série extraordinariamente extensa de comportamentos e pensamentos humanos. A análise de Jung sobre a natureza humana inclui investigações acerca de religiões orientais, alquimia, parapsicologia e mitologia. De início, sua teoria provocou maior impacto em filósofos, folcloristas e escritores do que em psicólogos ou psiquiatras. Um dos principais conceitos de Jung é o da "individuação", termo que usa para um processo de desenvolvimento pessoal que envolve o estabelecimento de uma conexão entre o ego, centro da consciência, e o self, centro da psique total, o qual, por sua vez, inclui tanto a consciência como o inconsciente. Para Jung, existe interação constante entre a consciência e o



inconsciente, e os dois não são sistemas separados, mas dois aspectos de um único sistema. A psicologia junguiana está basicamente interessada no equilíbrio entre os processos conscientes e inconscientes e no aperfeiçoamento do intercâmbio dinâmico entre eles.

Método de associação de palavras

Jung já havia usado a noção de complexo desde 1904, na diagnose (Conhecimento das doenças pela observação dos seus sintomas) das associações de palavras. A variância no tempo de reação entre palavras demonstrou que as atitudes do sujeito diante de certas palavras-estímulo, quer respondendo de forma excitante, quer de forma apressada, era diferente do tempo de reação de outras palavras que pareciam ter estimulação neutra. As reações não convencionais poderiam indicar (e indicavam de fato) a presença de complexos, dos quais o sujeito não tinha consciência.

Utilizando-se da técnica e do estudo dos sonhos e de desenhos, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente.

Os sonhos pessoais de seus pacientes o intrigavam na medida em que os temas de certos sonhos individuais eram



muito semelhantes aos grandes temas culturais ou mitológicos universais, ainda mais quando o sujeito nada conhecia de mitos ou mitologias.

O mesmo ocorria no caso dos desenhos que seus pacientes faziam, geralmente muito parecidos com os símbolos adotados por várias culturas e tradições religiosas do mundo inteiro. Estas similaridades levaram Jung à sua mais importante descoberta: o "inconsciente coletivo". Assim, Jung descobrira que além do consciente e inconsciente pessoais, já estudados por Freud, existiria uma zona ou faixa psíquica onde estariam as figuras, símbolos e conteúdos arquetípicos de caráter universal, frequentemente expressos em temas mitológicos.

É a camada mais profunda da psique humana. Segundo Jung, o inconsciente coletivo não deve sua existência a experiências pessoais; ele não é adquirido individualmente.

Jung faz a distinção:

O inconsciente pessoal é representado pelos sentimentos e idéias reprimidas, desenvolvidas durante a vida de um indivíduo.

O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos



e lembranças compartilhadas por toda a humanidade tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos.

Jung descreve que nós nascemos com uma herança psicológica, que se soma à herança biológica. Ambas são determinantes essenciais do comportamento e da experiência.

O inconsciente coletivo inclui materiais psíquicos que não provêm da experiência pessoal. Alguns psicólogos, como Skinner, assumem implicitamente que cada indivíduo nasce como um quadro em branco, uma tábula rasa; em consequência, todo desenvolvimento psicológico vem da experiência pessoal. Jung postula que a mente da criança já possui uma estrutura que molda e canaliza todo posterior desenvolvimento e interação com o ambiente.

A mãe boa, por exemplo, é um aspecto do arquétipo do feminino na psique, que pode ter a figura de uma deusa ou de uma fada, e/ou da mãe má, ou que pode possuir os traços de uma bruxa ou madrasta.

As figuras em si, mais ou menos semelhantes em várias culturas, são os arquétipos, que nada mais são que "corpos" que dão forma aos conteúdos que representam: o



arquétipo da mãe boa, ou da boa fada, representam a mesma coisa: o lado feminino positivo da natureza humana, acolhedor e carinhoso.

Ex.: Brasil. Sempre desvalorizamos nossos produtos e nos julgamos inferiores a outros países, exceto a África. Isso pode ser por causa do inconsciente coletivo. O Brasil colonizado, escravizado, e inferiorizado dentro de nós.

Arquétipos

Dentro do Inconsciente Coletivo existe segundo Jung, estruturas psíquicas ou Arquétipos. Tais Arquétipos são formas sem conteúdo próprio que servem para organizar ou canalizar o material psicológico. Eles se parecem um pouco com leitos de rio secos, cuja forma determina as características do rio, porém desde que a água comece a fluir por eles. Podem-se comparar os Arquétipos à porta de uma geladeira nova; existem formas sem conteúdo - em cima formas arredondadas (você pode colocar ovos, se quiser ou tiver ovos), mais abaixo existe a forma sem conteúdo para colocar refrigerantes, manteiga, queijo, etc., mas isso só acontecerá se a vida ou o meio onde você existir lhe oferecer tais produtos. De qualquer maneira as formas existem antecipadamente ao conteúdo.



Arquetipicamente existe a forma para colocar Deus, mas isso depende das circunstâncias existenciais, culturais e pessoais. (o homem sempre busca adorar alguma coisa superior)

O termo Arquétipo freqüentemente é mal compreendido, julgando-se que expressa imagens ou motivos mitológicos definidos. Mas estas imagens ou motivos mitológicos são apenas representações conscientes do Arquétipo. O Arquétipo é uma tendência a formar tais representações que podem variar em detalhes, de povo a povo, de pessoa a pessoa, sem perder sua configuração original

Jung escreveu que cada uma das principais estruturas da personalidade seriam Arquétipos, incluindo o Ego, a Persona, a Sombra, a Anima (nos homens), o Animus (nas mulheres) e o Self. Temas que serão detalhados à seguir.

Antes de freud.....

Acreditava-se que o homem só tinha a parte consciente da psique.

Freud descobriu.....

Que o homem tem além da parte consciente, uma parte muito maior em sua psique, O inconsciente. Um abismo... algo que interferia na vida do homem.



Jung acrescentou...

Há algo mais, que está além da verdade aprendida pelo homem, mas algo herdado, O inconsciente coletivo.

Carl Gustav Jung morreu a 6 de junho de 1961, aos 86 anos, em sua casa, à beira do lago de Zurique, em Küsnacht após uma longa vida produtiva, que marcou - e tudo leva a crer que ainda marcará mais - a antropologia, a sociologia e a psicologia.

Tipos psicológicos

Outra temática famosa com respeito a Jung é a sua teoria dos "tipos psicológicos".

Foi com base na análise da controvérsia entre as personalidades de Freud e um outro seu discípulo famoso, e também dissidente, Alfred Adler, que Jung consegue delinear a tipologia do "introvertido" e do "extrovertido". Freud seria o "extrovertido", Adler, o "introvertido".

Para o extrovertido, os acontecimentos externos são da máxima importância, ao nível consciente; em compensação, ao nível inconsciente, a atividade psíquica do extrovertido concentra-se no seu próprio eu.



De modo inverso, para o introvertido o que conta é a resposta subjetiva aos acontecimentos externos, ao passo que, a nível inconsciente, o introvertido é compelido para o mundo externo.

Dentre todos os conceitos de Carl Gustav Jung, a idéia de introversão e extroversão são as mais usadas. Jung descobriu que cada indivíduo pode ser caracterizado como sendo primeiramente orientado para seu interior ou para o exterior,

Entretanto, ninguém é totalmente introvertido ou extrovertido. Algumas vezes a introversão é mais apropriada, em outras ocasiões a extroversão é mais adequada, mas, as duas atitudes se excluem mutuamente, de forma que não se pode manter ambas ao mesmo tempo. Também enfatizava que nenhuma das duas é melhor que a outra, citando que o mundo precisa dos dois tipos de pessoas. O ideal para o ser humano é ser flexível, capaz de adotar qualquer dessas atitudes quando for apropriado, operar em equilíbrio entre as duas.

As Funções Psíquicas

Jung identificou quatro funções psicológicas que chamou de fundamentais: pensamento, sentimento, sensação e



intuição. E cada uma dessas funções pode ser experimentada tanto de maneira introvertida quanto extrovertida

O Pensamento

Jung via o pensamento e o sentimento como maneiras alternativas de elaborar julgamentos e tomar decisões. O Pensamento está relacionado com a verdade, com julgamentos derivados de critérios impessoais, lógicos e objetivos. As pessoas nas quais predomina a função do Pensamento são chamadas de Reflexivas. Esses tipos reflexivos são grandes planejadores e tendem a se agarrar a seus planos e teorias, ainda que sejam confrontados com contraditória evidência.

O Sentimento

Tipos sentimentais são orientados para o aspecto emocional da experiência. Eles preferem emoções fortes e intensas ainda que negativas, a experiências apáticas e mornas. A consistência e princípios abstratos são altamente



valorizados pela pessoa sentimental. Para ela, tomar decisões deve ser de acordo com julgamentos de valores próprios, como por exemplo, valores do bom ou do mau, do certo ou do errado, agradável ou desagradável, ao invés de julgar em termos de lógica ou eficiência, como faz o reflexivo

A Sensação

Jung classifica a sensação e a intuição juntas, como as formas de apreender informações, diferentemente das formas de tomar decisões. A Sensação se refere a um enfoque na experiência direta, na percepção de detalhes, de fatos concretos. A Sensação reporta-se ao que uma pessoa pode ver, tocar, cheirar. É a experiência concreta e tem sempre prioridade sobre a discussão ou a análise da experiência.

Os tipos sensitivos tendem a responder à situação vivencial imediata, e lidam eficientemente com todos os tipos de crises e emergências. Em geral eles estão sempre prontos para o momento atual, adaptam-se facilmente às emergências do cotidiano, trabalham melhor com



instrumentos, aparelhos, veículos e utensílios do que qualquer um dos outros tipos.

A Intuição

A intuição é uma forma de processar informações em termos de experiência passada, objetivos futuros e processos inconscientes. As implicações da experiência (o que poderia acontecer, o que é possível) são mais importantes para os intuitivos do que a experiência real por si mesma. Os intuitivos processam informação muito depressa e relacionam, de forma automática, a experiência passada com as informações relevantes da experiência imediata.

Símbolos

De acordo com Jung, o inconsciente se expressa primariamente através de símbolos, embora nenhum símbolo concreto possa representar de forma plena um Arquétipo (que é uma forma sem conteúdo específico). Quanto mais um símbolo se harmonizar com o material inconsciente organizado ao redor de um Arquétipo, mais ele evocará uma resposta intensa e emocionalmente



carregada. Além dos símbolos encontrados em sonhos ou fantasias de um indivíduo, há também símbolos coletivos importantes, que são geralmente imagens religiosas, tais como a cruz, a estrela de seis pontas de David e a roda da vida budista.

Os Sonhos

Para Freud «o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo reprimido. Jung não aceita o disfarce nem admite que todos os sonhos traduzam sempre desejos. Haverá decerto sonhos que revelem desejos secretos, mas a escala de coisas que os sonhos poderão exprimir é infinitamente mais ampla que a mera realização de aspirações não aceitas pelos códigos morais. Os sonhos podem ser feitos de verdades, de sentenças filosóficas, de ilusões, de fantasias desordenadas, de recordações, projetos, antecipações, seja mesmo de visões telepáticas, de experiências íntimas irracionais, e de não sei mais o que ainda. Jung



Segundo Jung, uma pessoa não aparece no sonho em lugar de outra, como um disfarce de outra. Os personagens que surgem no sonho, as situações representadas, referem-se de fato à realidade objetiva

Os sonhos são pontes importantes entre processos conscientes e inconscientes. Jung abordou os sonhos como realidades vivas que precisam ser experimentadas e observadas com cuidado para serem compreendidas.

A Persona (arquétipo da adaptação social)

Nossa Persona é a forma pela qual nos apresentamos ao mundo. É o caráter que assumimos; através dela nós nos relacionamos com os outros. A Persona inclui nossos papéis sociais, o tipo de roupa que escolhemos para usar e nosso estilo de expressão pessoal. O termo Persona é derivado da palavra latina equivalente a máscara, se refere às máscaras usadas pelos atores no drama grego para dar significado aos papéis que estavam representando. As palavras "pessoa" e "personalidade" também estão relacionadas a este termo.

A Persona assemelha-se ao superego de Freud e é o papel atribuído ao indivíduo pela sociedade e esta espera que ele o cumpra, sendo, portanto, a personalidade pública ou



máscara “adotada” pela pessoa para responder ao que a sociedade dela espera.

A persona tem aspectos tanto positivos quanto negativos. Jung chamou também a persona de "arquétipo da conformidade". Entretanto, a persona não é totalmente negativa. Ela serve para proteger o ego e a psique das diversas forças e atitudes sociais que as invadem.

A persona é também um instrumento precioso para a comunicação. Ela pode desempenhar, com frequência, um papel importante em nosso desenvolvimento positivo. À medida que começamos a agir de determinada maneira, a desempenhar um papel, nosso ego se altera gradualmente nessa direção. (adaptação)

A Sombra

A Sombra é o arquétipo responsável pelo aparecimento na consciência de pensamentos, sentimentos e sensações desagradáveis e socialmente repreensíveis que podem ser tanto reprimidos no inconsciente, quanto escondidos da visão pública pela persona. A Sombra consiste dos instintos



animais herdados através do processo de evolução, sendo, portanto, o lado animal da natureza humana.

Para Jung, a Sombra é o centro do Inconsciente Pessoal, o núcleo do material que foi reprimido da consciência. A Sombra inclui aquelas tendências, desejos, memórias e experiências que são rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis com a Persona e contrárias aos padrões e ideais sociais. A Sombra representa aquilo que consideramos inferior em nossa personalidade e também aquilo que negligenciamos e nunca desenvolvemos em nós mesmos. Em sonhos, a Sombra freqüentemente aparece como um animal, um anão, um vagabundo ou qualquer outra figura de categoria mais baixa.

O Self

O self, como um princípio unificador dentro da psique humana, ocupa a posição central de autoridade com relação à vida psicológica e, portanto, do destino do indivíduo.

Jung chamou o Self de 'Arquétipo central', Arquétipo da ordem e totalidade da personalidade. Segundo Jung,



consciente e inconsciente não estão necessariamente em oposição um ao outro, mas complementam-se mutuamente para formar uma totalidade: o Self.

Para Jung, o Self não é apenas o centro, mas também toda a circunferência que abarca tanto o consciente quanto o inconsciente, ele é o centro desta totalidade, tal como o Ego é o centro da consciência. O desenvolvimento do Self não significa que o Ego seja dissolvido. Este último continua sendo o centro da consciência, mas agora ele é vinculado ao Self como consequência de um longo e árduo processo de compreensão e aceitação de nossos processos inconscientes. O Ego já não parece mais o centro da personalidade, mas uma das inúmeras estruturas dentro da psique.

O Self é o ponto central da personalidade e todos os demais sistemas orbitam à sua volta. O Self é quem dá unidade, equilíbrio e estabilidade à estrutura da personalidade. Segundo a teoria de Jung o Self não se torna evidente até que a pessoa atinja a meia-idade.

Crescimento Psicológico – Individuação



Segundo Jung, todo indivíduo possui uma tendência para a Individuação ou auto desenvolvimento. Individuação significa tornar-se um ser único, homogêneo.

Na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo.

Pode-se traduzir Individuação
como tornar-se si mesmo,
ou realização do si mesmo.

Crescimento Psicológico – Individuação

A individuação, conforme descrita por Jung, é um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência. Através desse processo, o indivíduo identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do Si-mesmo a totalidade (entenda-se totalidade como o conjunto das instâncias



psíquicas sugeridas por Carl Jung, tais como persona, sombra, self, etc.) de sua personalidade individual.

Como analista, Jung descobriu que aqueles que vinham a ele na primeira metade da vida estavam relativamente desligados do processo interior de Individuação; seus interesses primários centravam-se em realizações externas, no "emergir" como indivíduos e na consecução dos objetivos do Ego. Analisando os mais velhos, que haviam alcançado tais objetivos, de forma razoável, tendiam a desenvolver propósitos diferentes, interesse maior pela integração do que pelas realizações, busca de harmonia com a totalidade da psique.

O primeiro passo no processo de Individuação é o desnudamento da Persona. Embora esta tenha funções protetoras importantes, ela é também uma máscara que esconde o Self e o inconsciente.

Ao analisarmos a Persona, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual, ela é de fato coletiva; em outras palavras, a Persona não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a



sociedade acerca daquilo que alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo.

O próximo passo é o confronto com a Sombra. Na medida em que nós aceitamos a realidade da Sombra e dela nos distinguimos, podemos ficar livres de sua influência. Além disso, nós nos tornamos capazes de assimilar o valioso material do inconsciente pessoal que é organizado ao redor da Sombra.

O terceiro passo é o confronto com a Anima ou Animus.

O inconsciente do homem encontra expressão como uma personalidade interior feminina: a Anima; No inconsciente da mulher, esse aspecto é expresso como uma personalidade interna masculina: o Animus.

Anima e Animus derivam do mesmo termo latino Anima. Anima em latim significa “alma”. Jung não compreendia a alma como alma num sentido “teológico” ou “metafísico”. A noção de alma estava mais próxima da concepção de Plotino (Filósofo grego), que compreendia como o princípio vital, o princípio de movimento e vida, que organiza o mundo sensível. .

A já falecida psiquiatra Nise da Silveira, aluna de Jung e um dos nomes mais importantes da Psicologia analítica no



Brasil, ao escrever sobre o tema no livro Jung - vida e obra ressaltou o desamparo sofrido pelo indivíduo ao confrontar sua alma, "o homem esperará que a mulher amada assuma o papel de mãe, o que leva a modos de comportamento e a exigências pueris gravemente perturbadoras das relações entre os dois". Não é raro a situação tomar contornos mais dramáticos e confusos, como opina Peixoto, "principalmente se a mulher em questão está buscando no homem mais velho a figura de um pai".

A diferenciação de anima e animus se manifesta no processo de formação Ego. Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, no caso do menino, os aspectos do feminino cultural tendem a ser rejeitados, por se demonstrarem incompatíveis com a identidade do ego masculino. Esses aspectos femininos incompatíveis com o Ego, embora, necessários para a vida humana, são relegados ao inconsciente, onde formarão um complexo funcional, que será composto dos tanto pelas experiências pessoais que o indivíduo terá com figuras femininas(mãe, professora, irmã etc...) quanto pelo aspectos do feminino cultural, que são impessoais, dando à anima o aspecto feminino



complementar à identidade masculina do Ego. O mesmo processo ocorrerá na menina, dando forma ao animus.

O estágio final do processo de Individuação é o desenvolvimento do Self. Jung dizia que o si mesmo é nossa meta de vida, pois é a mais completa expressão daquela combinação do destino a que nós damos o nome de indivíduo. O Self torna-se o novo ponto central da psique, trazendo unidade à psique e integrando o material consciente e o inconsciente. O Ego é ainda o centro da consciência, mas não é mais visto como o núcleo de toda a personalidade.

Jung escreve que devemos ser aquilo que somos e precisamos descobrir nossa própria individualidade, aquele centro da personalidade que é eqüidistante do consciente e do inconsciente. Dizia que precisamos visar este ponto ideal em direção ao qual a natureza parece estar nos dirigindo. Só a partir deste ponto podemos satisfazer nossas necessidades.



Obstáculos ao Crescimento

A Individuação nem sempre é uma tarefa fácil e agradável. O Ego precisa ser forte o suficiente para suportar mudanças tremendas, para ser virado pelo avesso no processo de Individuação.

Poderíamos dizer que todo o mundo está num processo de Individuação, no entanto, as pessoas não o sabem, esta é a única diferença. A Individuação não é de modo algum uma coisa rara ou um luxo de poucos, mas aqueles que sabem que passam pelo processo são considerados afortunados. Desde que suficientemente conscientes, eles tiram algum proveito de tal processo.

A dificuldade deste processo é peculiar porque constitui um empreendimento totalmente individual, levado a cabo face à rejeição ou, na melhor das hipóteses, indiferença dos outros.

A sociedade não valoriza em demasia essas proezas da psique e seus prêmios são sempre dados a realizações e não à personalidade. Esta última será, na maioria das vezes, recompensada postumamente.



Cada estágio, no processo de Individuação, é acompanhado de dificuldades.

Primeiramente, há o perigo da identificação com a Persona. Aqueles que se identificam com a Persona podem tentar tornar-se perfeitos demais, incapazes de aceitar seus erros ou fraquezas, ou quaisquer desvios de sua auto-imagem idealizada. Aqueles que se identificam totalmente com a Persona tenderão a reprimir todas as tendências que não se ajustam, e a projetá-las nos outros, atribuindo a eles a tarefa de representar aspectos de sua identidade negativa reprimida.

A Sombra pode ser também um importante obstáculo para a Individuação. As pessoas que estão inconscientes de suas sombras, facilmente podem exteriorizar impulsos prejudiciais sem nunca reconhecê-los como errados.

Quando a pessoa não chegou a tomar conhecimento da presença de tais impulsos nela mesma, os impulsos iniciais para o mal ou para a ação errada são com frequência justificados de imediato por racionalizações. Ignorar a Sombra pode resultar também numa atitude por demais moralista e na projeção da Sombra em outros. Por exemplo, aqueles que são muito favoráveis à censura da pornografia



tendem a ficar fascinados pelo assunto que pretendem proibir; eles podem até convencer-se da necessidade de estudar cuidadosamente toda a pornografia disponível, a fim de serem censores eficientes.

O confronto com a Anima ou o Animus traz, em si, todo o problema do relacionamento com o inconsciente e com a psique coletiva. A Anima pode acarretar súbitas mudanças emocionais ou instabilidade de humor num homem. Nas mulheres, o Animus freqüentemente se manifesta sob a forma de opiniões irracionais, mantidas de forma rígida. (Devemos nos lembrar de que a discussão de Jung sobre Anima e Animus não constitui uma descrição da masculinidade e da feminilidade em geral. O conteúdo da Anima ou do Animus é o complemento de nossa concepção consciente de nós mesmos como masculinos ou femininos, a qual, na maioria das pessoas, é fortemente determinada por valores culturais e papéis sexuais definidos em sociedade.)

Quando o indivíduo é exposto ao material coletivo, há o perigo de ser engolido pelo inconsciente. Segundo Jung, tal ocorrência pode tomar uma de duas formas. Primeiro, há a possibilidade da inflação do Ego, na qual o indivíduo



reivindica para si todas as virtudes da psique coletiva. A outra reação é a de impotência do Ego; a pessoa sente que não tem controle sobre a psique coletiva e adquire uma consciência aguda de aspectos inaceitáveis do inconsciente-irracionalidade, impulsos negativos e assim por diante.

Assim como em muitos mitos e contos de fadas, os maiores obstáculos estão mais próximos do final. Quando o indivíduo lida com a Anima e o Animus, uma tremenda energia é libertada.

Esta energia pode ser usada para construir o Ego ao invés de desenvolver o Self. Jung referiu-se a este fato como identificação com o Arquétipo do Self, ou desenvolvimento da personalidade-mana (mana é uma palavra malanésica que significa a energia ou o poder que emana das pessoas, objetos ou seres sobrenaturais, energia esta que tem uma qualidade oculta ou mágica). O Ego identifica-se com o Arquétipo do homem sábio ou mulher sábia aquele que sabe tudo. A personalidade-mana é perigosa porque é excessivamente irreal. Indivíduos parados neste estágio tentam ser ao mesmo tempo mais e menos do que na realidade são.



Eles tendem a acreditar que se tornaram perfeitos, santos ou até divinos, mas, na verdade, menos, porque perderam o contato com sua humanidade essencial e com o fato de que ninguém é plenamente sábio, infalível e sem defeitos.

Jung viu a identificação temporária com o Arquétipo do Self ou com a personalidade-mana como sendo um estágio quase inevitável no processo e Individuação.

A melhor defesa contra o desenvolvimento da inflação do Ego é lembrarmo-nos de nossa humanidade essencial, para permanecermos assentados na realidade daquilo que podemos e precisamos fazer, e não na que deveríamos fazer ou ser.



Frases de Plotino (205 – 270 dc)

- Ensinar é indicar o caminho, mas na viagem cada um vai ver o que quiser ver.
- Os olhos não veriam o sol se não fossem parecidos com o sol e a alma não verá a beleza se ela não for bela.
- A natureza não tem mãos para fabricar as mãos.



BIBLIOGRAFIA

Ballone GJ - Carl Gustav Jung, in. PsiqWeb, internet, disponível em <http://www.psiqweb.med.br/>,
revisto em 2005 - baseado no livro "Teorias da Personalidade"- J. Fadiman, R. Frager - Harbra - 1980 para saber mais: Tipos Psicológicos - C.G.Jung - Zahar Editores - RJ – 1980.

<http://www.geocities.com/Vienna/2809/jung.html>

www.artesdecura.com.br

<http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=157&sec=53>